

ARK: <http://id.caicyt.gov.ar/ark:/s25251635/1pgr8dgq2>

CANTASOL - FORMA DE PRODUÇÃO, COMERCIALIZAÇÃO E GERAÇÃO DE RENDA PARA PEQUENOS PRODUTORES RURAIS

CANTASOL - production, commercialization and income
generation for small rural producers

Angela Ester Mallmann Centenaro

<https://orcid.org/0000-0001-7868-6282>

Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Brasil

angela.centenaro@unemat.br

RECIBIDO 4.08.21 ACEPTADO 5.12.22

Resumo.

Este trabalho apresenta o projeto CANTASOL, que utiliza de uma plataforma eletrônica para comercializar a produção dos moradores do assentamento 12 de Outubro, localizado no município de Cláudia, MT. Estuda-se as mudanças socioeconômicas ocorridas no assentamento após a sua implantação, através do projeto na comunidade, o incremento na geração de renda, pois também percebe-se após a implantação do projeto nasceram outros coletivos de produção e comercialização. Para dar base a revisão teórica, são discutidos os conceitos de economia, os fatores de produção (terra, capital e trabalho), a questão da reforma agrária e agricultura familiar, o modo de produção e comercialização capitalista, economia solidária como uma nova forma de produção e comercialização, a posição dos autores clássicos sobre a teoria da renda. Na metodologia realizada aplicação de questionário misto com questões abertas e fechadas. Essa pesquisa foi realizada para responder à questão: Após a implantação do subprojeto



<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Los autores conservan sus derechos

CANTASOL, visando uma nova forma de produção e comercialização, quais as mudanças na geração de renda percebidas pelos assentados do Assentamento 12 de Outubro do município de Cláudia-MT? Segundo o questionário houve mudança nas condições educacionais e na renda dos moradores.

Palavras-chave: assentamento; CANTASOL; economia solidária; renda

Abstract.

This paper presents the CANTASOL project, which uses an electronic platform to commercialize the production of residents of the settlement October 12, located in the municipality of Cláudia - MT. We study the socioeconomic changes that occurred in the settlement after its implementation, through the project in the community, the increase in income generation, because it is also perceived that after the implementation of the project other collectives of production and commercialization were born. To support the theoretical review, the concepts of economics, production factors (land, capital and labor), the issue of agrarian reform and family farming, the capitalist production and commercialization mode, solidarity economy as a new form of production and commercialization, the position of classical authors on income theory are discussed. In the methodology, a mixed questionnaire was applied with open and closed questions. This research was carried out to answer the question: After the implementation of the CANTASOL subproject, aiming at a new form of production and commercialization, what changes in income generation perceived by the settlers of the Settlement October 12 of the municipality of Cláudia-MT? According to the questionnaire, there was a change in the educational conditions and income of the residents.

Keywords: Settlement; CANTASOL; Solidarity Economy; Income

1 INTRODUÇÃO

Entre vários temas polêmicos, a Reforma Agrária gera discussões entre capitalistas que prezam pela propriedade privada e, movimentos sociais que prezam pela distribuição da propriedade privada acumulada pelos capitalistas. No Estatuto da Terra, Lei nº 4504/64, "a reforma agrária é o conjunto de medidas para promover a melhor distribuição da terra mediante modificações no regime de posse e uso, a fim de atender aos princípios de justiça social, desenvolvimento rural sustentável e aumento de produção".

No Brasil, apesar do Estatuto da Terra, milhares de famílias foram, e são assentadas em terras, muitas vezes inférteis, de difícil acesso e desprovidas de infraestrutura. Desta forma, os pequenos produtores rurais, ou a chamada agricultura familiar, não conseguem organizar-se e capitalizar-se ficando na dependência financeira de instituições, para garantir sua sustentabilidade (KUSTER et al, 2004).

Segundo o Ministério do Desenvolvimento Social (MDS, on line 2015), "a agricultura familiar é uma forma de produção onde predomina a interação entre gestão e trabalho", isto é, são os próprios agricultores familiares que dirigem o processo produtivo, dando ênfase na diversificação e utilizando o trabalho familiar, sazonalmente ou eventualmente complementado por trabalhos assalariados. Apesar dos entraves financeiros e organizacionais, a agricultura familiar é responsável economicamente, por gerar uma grande produção de alimentos, porém não atrativa para o agronegócio, pois este possui um foco produtivo diferente.

Este tipo de produção, familiar, tem um impacto positivo no setor primário da economia brasileira, pois utiliza mão de obra e recursos próprios, como a terra, além de produzir uma vasta gama de produtos alimentícios, diferentemente do agronegócio, que se fixa num produto em grande quantidade.

Os assentamentos agrários são locais para onde muitas famílias sem terras são alocadas pelo governo federal. Atualmente, o Brasil possui

9.288 assentamentos, 969.583 famílias assentadas e 88.270.046,03ha de área de assentamentos. O Estado de Mato Grosso, apesar de a agricultura familiar estar ofuscada pelo agronegócio, possui 547 assentamentos, com 82.751 famílias assentadas, num total de 6.067.509,27 ha de área de assentamento (INCRA, on line 2015).

Os espaços dos assentamentos, como estão fragilizados pela falta de infraestrutura, organização e capital, são espaços propícios para a economia solidária, que nesta pesquisa foi estudada por se apresentar como forma diferenciada de geração de renda, produção e comercialização da produção.

A pesquisa visa realizar um diagnóstico socioeconômico, mostrando o trabalho desenvolvido no Assentamento 12 de Outubro, localizado no município de Cláudia – MT, juntamente com a Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT e a Escola Estadual do Campo Florestan Fernandes, na área da economia solidária e agricultura camponesa ou familiar, auxiliando na organização do sistema produtivo das famílias assentadas através do Sistema Canteiros de Comercialização Sociossolidária Agroecológica (CANTASOL). Este é uma parte do Projeto Canteiros de Sabores e Saberes institucionalizado na Universidade do Estado de Mato Grosso - Campus de Sinop. Nesse subprojeto é proposta a inversão de paradigma da indissociabilidade, quando a universidade vai ao encontro da comunidade.

A preocupação com a forma como o sistema capitalista se comporta excluindo esses produtores, faz com que esses formatos de projetos sejam uma esperança de permanência em suas propriedades. O projeto da Universidade busca a inserção desses indivíduos na sociedade, mas com o pensamento de coletividade, através de práticas pedagógicas, discutindo a teoria e a prática de conceitos de organização coletiva, de economia solidária, trabalhos cooperativos para a geração de renda, entre outros. Mostram uma nova visão de mercado, onde se ganha renda, mas todos precisam cooperar e trabalhar juntos para aumentar o bem-estar social coletivo, além do financeiro.

Com essa abordagem, chegou-se ao questionamento: após a implantação do subprojeto CANTASOL, visando uma nova forma de produção e comercialização, quais as mudanças socioeconômicas percebidas pelos assentados do Assentamento 12 de Outubro do município de Cláudia-MT?

Assim, o objetivo da pesquisa foi avaliar sobre as mudanças socioeconômicas percebidas pelos assentados do Assentamento 12 de Outubro do município de Cláudia-MT, após a implantação do CANTASOL através da forma diferenciada de produzir e comercializar seus produtos agrícolas.

A metodologia se fundiu com a união das atividades extensionistas da Universidade com a da Escola Florestan Fernandes, do Assentamento 12 de Outubro, observando-se uma série de situações a serem problematizadas: uma delas é o papel dessas instituições na comunidade que as cercam. Entende-se que para lidar com essa realidade, uma característica da pesquisa científica, deve-se não só observar, mas também transformar.

ASSENTAMENTOS EM MATO GROSSO

Pelo site do INCRA, assentamento rural é “um conjunto de unidades agrícolas independentes entre si, instaladas pelo INCRA onde originalmente existia um imóvel rural que pertencia a um único proprietário” (INCRA, *on line* 2015).

O estado de Mato Grosso, quando colonizado, recebeu incentivo partindo de empreendimentos imobiliários e governamentais. Como era uma região extensa e com poucos habitantes por metros quadrados, foram doadas terras para pessoas que vinham, na sua maioria, da região sul do país. Mas esse modelo de colonização excluía o pequeno camponês, pois eram regiões de mata fechada e sem estrutura de permanência. Muitos agricultores que chegaram ao estado acabaram trocando suas terras por passagens de volta à origem, onde

voltaram a ser "sem terras" entrando nos movimentos sociais em busca de um lugar para produzir e manter sua família.

Para tanto, o governo federal criou diversos programas que visavam estimular o desenvolvimento da região, viabilizando a entrada do grande capital e mantendo grandes propriedades nas áreas de agropecuária, promovendo um modelo de desenvolvimento que excluiu o agricultor familiar (II CA Brasil, on line).

Assim que iniciaram as discussões sobre reforma agrária no país, também foi visualizado que o estado era uma esperança para aquelas pessoas que não tinham condição de desbravar sozinhas as terras mato-grossenses, porém a maioria dos produtores que permaneceram no estado venderam suas terras no Sul para terem suporte financeiro no Mato Grosso. O primeiro assentamento com parceria do INCRA surgiu em 1979 no modelo PAC – (Projeto de Assentamento Comum), mas só ocorreu efetivamente a desapropriação em 1986.

Tabela 1 - Assentamentos no estado de Mato Grosso, 2015.

Número de Assentamentos		547
Número de família assentadas		82.571
Área de Assentamentos (ha)		6.067509,27
Projeto de Assentamentos com mais de 10 anos	Nº de assentamentos	469
	Nº famílias assentadas	75.391
Projeto de Assentamentos com menos de 10 anos	Nº de assentamentos	78
	Nº famílias assentadas	7.180

Fonte: INCRA, *on line 2015* (Adaptado pelos autores).

O assentamento aqui estudado se originou a partir do interesse de trabalhadores camponeses que lutavam contra a desigualdade social no campo. Enviaram proposta, para a direção do Movimento dos

Trabalhadores sem Terra (MST) para ocupar terras da União destinadas à Reforma Agrária. Os dirigentes foram até o local, na época chamada de Fazenda Agroquímica. Mas com a intervenção da polícia, em setembro de 2003 foi escolhida outra área localizada aproximadamente a 17 km da cidade de Sinop. Nesta área, que também era pertencente à Fazenda Agroquímica, cerca de 200 famílias deram início ao Assentamento Claudinei de Barros com a ocupação no dia 12 de outubro.

A ocupação não foi tranquila, mesmo com aproximadamente 800 famílias, foram despejados com apenas trinta dias de ocupação, na ocasião, também foram presos professores da UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso, os quais estavam no local para contribuir na negociação, todos foram acusados de desobediência. Como não tinham para onde ir, os assentados foram para o Ginásio de Esportes Benedito Santiago, na cidade de Sinop-MT, ficaram alojados por cerca de dois dias (KOCHHANN e BREDA, 2015).

Após esta breve estada, as pessoas foram removidas para outro local, a uma distância de 60 Km do centro da cidade. Cerca de 200 famílias permanecem neste local, mas novamente vivendo com medo do despejo devido a construção da UHE – Sinop, barragem Usina Hidrelétrica que deverá alagar pelo menos 29 lotes do assentamento, segundo dados do PPA (Pesquisa de Impacto Ambiental) do próprio empreendimento.

Depois de tantas lutas pelos assentados, uma das conquistas foi a Escola do Campo Florestan Fernandes, sendo este, o lugar que concentra todos os pontos de discussões da comunidade e são realizados os trabalhos com o projeto CANTASOL com os professores e alunos. Através do projeto, aprendem na prática as lições de matemática, português, entre outras disciplinas do currículo escolar regular.

No Assentamento, atualmente moram cerca de duzentas (200) famílias, mas somente 15 (quinze) fazem parte do subprojeto, pois muitas trabalham fora do assentamento para sustentar suas famílias e

não tem plantação nas suas terras, por serem terras que necessitam de investimento para produzir e não possuem dinheiro para tal, diante do exposto, o cultivo é bastante prejudicado. Dos 15 participantes, sete responderam o questionário da pesquisa. Além deles, também duas mulheres que fazem parte da associação (Coletivo de Mulheres) responderam os questionários sobre renda, produção, comercialização e economia solidária, através do projeto CANTASOL.

ECONOMIA SOLIDÁRIA: FORMA DIFERENCIADA DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Robert Owen, durante o período da Revolução Industrial, por volta de 1850, afirmava que a indústria trazia efeitos positivos para a sociedade, mas a gestão dela deveria ser feita pelos próprios trabalhadores, se caracterizando uma Cooperativa Solidária onde todos os que trabalham na empresa são os proprietários e, não tem proprietário que não trabalhe e, não pode haver a divisão de trabalho e capital, sendo elas autônomas e controladas pelos seus membros.

Antes mesmo da crise de 1929, em que ocorreu a intervenção do Estado de acordo com a teoria keynesiana para regulação do mercado e bem-estar da população, os operários trouxeram a proposta de cooperativas, que são organizações, como grupos de trabalho, células de produção sem fins lucrativos e, que beneficiam todos os trabalhadores envolvidos de forma mais igualitária e justa, gerando trabalho e renda.

Para Singer a economia solidária é alternativa ao capitalismo, próxima à cooperativa e afirma que,

[...] a economia solidária surge como modo de produção e distribuição alternativo ao capitalismo, criado e recriado periodicamente pelos que se encontram (ou temem ficar) marginalizados do mercado de trabalho. A economia solidária casa o princípio da unidade entre posse e uso dos meios de produção e distribuição (da produção simples de mercadorias) com o princípio da socialização destes meios (do capitalismo) (SINGER, 2003, p.13).

Segundo Leachat, in Singer a economia solidária se destaca como alternativa para a classe proletária,

[...] no bojo da crise do trabalho começou a surgir a solução. (...) Algum milagre? Não, mas grande vontade de lutar, muita disposição ao sacrifício e sobretudo muita solidariedade. É deste modo que a economia solidária ressurge no meio da crise do trabalho e se revela uma solução surpreendentemente efetiva (1998, p. 27).

Segundo o Conselho Nacional de Economia Solidária (CNES) o plano de economia solidária no país possui as seguintes características,

Cooperação: reconhece propriedade comum, divisão de responsabilidade e de resultados; **Autogestão:** protagonismo dos participantes na gestão do empreendimento; **Dimensão econômica:** é o que move os esforços e congrega os interesses; **Solidariedade:** é perceptível na distribuição igualitária dos resultados, na produção de oportunidades para a melhoria da qualidade de vida dos envolvidos - *grifos nossos* (IPEA, *on line*).

A economia solidária também é utilizada como forma de amenizar o sofrimento de muitos trabalhadores que estão desempregados ou dos pequenos camponeses e assentados. Para Leachat (2001, p. 07) a economia solidária se organiza “a partir de fatores humanos, favorecendo as relações do laço social, o qual é valorizado através da reciprocidade e adota formas comunitárias de propriedade”.

Depois do início das discussões sobre essa economia alternativa, precisa-se trabalhar de forma organizada no princípio da coletividade, iniciaram a criação de políticas públicas, criação de programas específicos nas prefeituras e projetos nas universidades de incentivo e financiamentos do Governo Federal para a implantação de projetos e incubadoras solidárias.

Para Costa,

A Economia Solidária, conhecida principalmente na forma de cooperativismo, vem ganhando espaço à medida que aumenta o desemprego e diminuem as garantias sociais. Ela é vista também, como

forma de buscar autonomia e de estabelecer outros tipos de interação homem-trabalho, homem-ambiente e homem-homem (2009, p. 01).

A Economia Solidária se torna importante para as regiões de assentamentos e acampamentos, pois são locais que se encontram grande concentração de desigualdade socioeconômica e a solidariedade econômica tende a dirimir um pouco estas divergências sociais utilizando-se da associação de pessoas objetivando o bem comum.

As famílias assentadas sofrem com problemas de discriminação por parte das pessoas que vivem nos centros urbanos, também com o escoamento da sua produção, dificuldade de transporte, distância da cidade, contaminação do solo e da produção, causado pelos agrotóxicos e a concorrência dos grandes produtores (ANDREOLA, 2011). Mesmo esses indivíduos possuindo um pedaço de terra para plantar e conseguir gerar seu sustento, isso não ocorre, pois vivem em condições de extrema pobreza e são abandonados em terras improdutivas, sem condições dignas mínimas de sobrevivência. Andreola aponta que,

A fome é um problema distributivo e não técnico. Assim, temos de discutir causas da desigualdade social, ou seja, temos muito mais produção do que consumo. Mas o problema clássico da fome é o difícil acesso aos alimentos produzidos são os alimentos produzidos, por parte de uma maioria que passa fome e está abaixo da linha da pobreza no mundo. Paradoxalmente, a maioria das pessoas que passam fome no mundo são agricultores que vivem no meio rural, exatamente num local onde poderiam ser produzidos alimentos (2011, p. 1-3).

Mais da metade dos alimentos que vai para a mesa da população brasileira vem da produção do pequeno camponês e, mesmo assim a grande concentração de pobreza e desigualdade está nas zonas rurais dos municípios.

Órgãos do governo como, Ministério de Trabalho e Emprego (MTE), Secretaria Nacional de Economia Solidária (SNES), Conselho Nacional de Economia Solidária (CNES) são alguns que são responsáveis por

elaborações e execução a projetos de economia solidaria. Eles elaboram editais de incentivo a projetos comunitários, científicos de caráter solidário.

A economia solidária, além de ser uma economia alternativa, também trabalha de forma diferente do capitalismo em relação a produção e comercialização. Ela é uma forma de organizar coletivos de produção, consumidores responsáveis, distribuição justa dos bens produzidos coletivamente.

RESULTADOS DA PESQUISA

Projeto Canteiros e Subprojeto CANTASOL

O Projeto Canteiros de Sabores e Saberes¹, concebido como projeto de extensão e institucionalizado na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) desde junho de 2011, atua em bairros periféricos do município de Sinop/MT e, mais recentemente, em assentamentos da Reforma Agrária na região. Privilegiando a participação de estudantes dos semestres iniciais. Tal projeto implica na construção de saberes a partir de atividades práticas nos campos de pesquisa, por meio de ações extensionistas, formuladas e executadas pelos próprios alunos, sob orientação de professores especialistas na área.

Antes de sua institucionalização, já haviam ações sendo desenvolvidas nas periferias urbanas de Sinop/MT. Inicialmente três subprojetos: Compostagem, Hortas Urbanas e Arborização Urbana, em parceria com estudantes da Universidade Federal do Estado de Mato Grosso (UFMT). Em 2011, já institucionalizado, vieram novas ações, “com maior protagonismo dos estudantes da UNEMAT, nas áreas de Libras e Projetos de Aprendizagem” (PEREIRA; DE SOUZA, 2016, p. 109).

Outras experiências vivenciadas no projeto é o Sistema Canteiros de Comercialização Sociossolidária Agroecológica (CANTASOL), ação

¹ Doravante denominado “Projeto Canteiros”

iniciada em dezembro de 2012, junto aos produtores do Assentamento 12 de Outubro e Assentamento Zumbi dos Palmares, em Cláudia/MT. Em dezembro de 2012, após um período de aproximação com famílias assentadas, deu-se início à construção de uma plataforma para o escoamento de produtos da agricultura familiar camponesa de dois assentamentos: 12 de Outubro e Zumbi dos Palmares, no município de Cláudia/MT. Tal processo, além dos estudantes e professores da UNEMAT, participaram os professores da Escola Estadual do Campo Florestan Fernandes (EEFF), militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e parceiros do Sistema de Comercialização Solidária (SISCOS²).

A colaboração destes últimos mostrou-se fundamental, tanto pela capacidade mobilizadora do MST e da Escola do Campo, como pelos importantes subsídios que os parceiros do SISCOS oportunizaram, com base nos anos de experiência na área pretendida. Foram quatro meses de assembleias e oficinas, promovendo diálogos entre os diversos atores do projeto e os produtores e lideranças da comunidade, até a primeira experiência de venda dos produtos da comunidade. Ainda de maneira rudimentar, dispendo de pouca experiência e ferramentas, no dia 19 de março de 2013, foram iniciadas as vendas pelo CANTASOL. Destacamos que o CANTASOL pretende ser um sistema de comercialização direta beneficiando trabalhadores e consumidores com produtos oriundos da agricultura familiar, produzidos por pessoas comprometidas com a agroecologia, respeitando os ciclos naturais de renovação e produzindo alimentos livres de agrotóxicos e insumos sintéticos, potencialmente danosos a nossa saúde.

Completando sete anos de vendas regulares, o CANTASOL continua dispendo de vários estudantes e professores comprometidos com sua continuidade, mesmo sendo uma equipe claramente multidisciplinar,

² O SISCOS, em atividade desde 2006, é uma iniciativa do Instituto Ouro Verde (IOV), organização não-governamental instalada no município de Alta Floresta/MT. Consiste num sistema de vendas online de produtos agroecológicos, das famílias camponesas da região, baseados nas propostas da Economia Solidária

contemplando as áreas de Economia, Administração, Pedagogia, Letras, Matemática e Engenharias, o projeto atua com diferencial da inserção dos conceitos da Economia Solidária e Cooperativismo e, da parceria dos professores da escola do campo Florestan Fernandes, que leva o aprendizado adquirido durante o processo de organização para a sala de aula, através das disciplinas do currículo escolar tradicional.

Os alunos compartilham a experiência de acompanhar o período de conferência dos produtos vendidos. Aprendem o nome dos alimentos produzidos pelos seus pais e vizinhos. Dados como preço, quantidade são utilizados pelos professores para ensinar a ler, escrever e calcular medidas.

No início, o processo consolida um canal de escoamento e comercialização de produtos oriundos dos agricultores camponeses assentados, na modalidade de *e-commerce*³, processo, este, gerido por professores e estudantes, da Universidade e Escola do Campo. Na plataforma são cadastrados os produtos dos assentados para a comercialização no município de Sinop-MT. A plataforma é paga com o recurso do projeto que conta com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Atualmente, o ciclo inicia na quarta-feira quando os produtores ou seus filhos entregam as comandas de oferta dos produtos para o grupo de alunos responsáveis pela organização do site www.cantasol.org.br/sistema. Os produtos ficam disponíveis no portal de quinta à segunda-feira. Ao final do dia, o grupo se reúne para fazer a partilha solidária que tenta distribuir de forma mais equitativa possível, os produtos demandados e também observando as condições socioeconômicas de cada produtor. O site oferece a possibilidade de fazer o cadastro e consultar os produtos disponíveis.

Em seguida, fazem a distribuição das comandas de pedidos e efetuam a entrega das mesmas para os produtores. O trabalho envolveos

³ Termo adotado para definição de plataformas de comércio eletrônico.

produtores, seus filhos e a escola, sendo que os produtos são levados à escola, pelos alunos, através do ônibus escolar.

A comanda de oferta foi uma ferramenta encontrada para identificar a quantidade de produtos ofertados. A outra comanda, que também é fundamental, é a comanda de pedidos que é entregue ao produtor depois de realizada a partilha dos produtos. Através da lista de produtos solicitados que é gerada pelo portal, é feita conferência dos produtos entregues e marcada na comanda de pedidos.

No início, o transporte era realizado através da parceria com a Universidade, sendo que todas as quartas-feiras os acadêmicos eram levados ao assentamento para buscar os produtos, fazerem a conferência das vendas e a entrega do dinheiro para pagamento aos produtores.

Com a aquisição de uma Van pela cooperativa, o transporte é realizado por eles, onde os gastos com combustível são custeados através da cota de 10% cobrada pelo CANTASOL, pago pelos produtores para a manutenção do processo de trabalho.

Dialogando com a Pesquisa de Campo

A pesquisa iniciou-se com dados socioeconômicos, com perguntas relacionadas à etnia, ao nível educacional, condições de moradia, trabalho e a influência do CANTASOL no seu cotidiano.

Descobriu-se que a maioria, 78% dos que responderam à pesquisa se autodeclararam negros e 22% declararam ser brancos. Esse resultado precisa ser melhor estudado, pois pode demonstrar uma diferença ocorrida entre cidade (negros se declaram pardos, brancos ou não declaram) e campo (todos se declararam negros), assim como, pode ser uma forma de conseguirem mais auxílio via governo federal com cotas, etc.

Na entrevista foi perguntado se eles já sofreram preconceito econômico, étnico, racial ou de cor ou mesmo por morarem em um assentamento, 33% responderam que já sofreram preconceito porque

residem em um assentamento, 56% preconceito racial, 11% disseram que nunca sofreram preconceito e um entrevistado respondeu que sofreu preconceito por não ter alimentos em casa. Desses que responderam que já sofreram preconceito por morar em assentamento, disseram que o preconceito parte da própria família residente na cidade.

A fala de uma entrevistada retrata a discriminação sofrida,

Já passei discriminação, vou falar bem a verdade até por passar fome, por faltar alimento dentro de casa e, não foi longe não, de próprio parente, eu não ter o que comer, eles tinham e zombar com a minha cara.

Esta fala traz em si o que Carvalho (1999) afirma que existe uma diferenciação na memória de vida, sendo importante destacar que cada grupo social tende a aviltar o outro. Entretanto quanto mais os grupos se tornarem homogêneos tendo "laços fortes" (GRANOVETTER, 1985), mais conseguem reagir aos preconceitos sofridos por parte de outros grupos.

Em relação a épocas passadas, o número de pessoas que residem e trabalham no meio rural diminuiu, pois a quantidade de filhos por família não é mais a mesma das antigas famílias camponesas. Pela pesquisa, nota-se que 25% das propriedades são compostas por duas pessoas, provavelmente o casal; 25% das propriedades são povoadas por 3 pessoas e 50% das propriedades possuem mais de 3 pessoas que moram na propriedade. Segundo o Censo do IBGE (2000), o número de filhos na área rural influenciou a menor diminuição da taxa de fecundidade no Brasil (2000-2010). Embora tenha diminuído de 3,4 filhos para 2,6; é maior do que o verificado nas áreas urbanas, de 2,18 para 1,7. Outro dado interessante, demonstra que, assim como em outros assentamentos, as mulheres é que tomam conta da produção, sendo que no Assentamento 12 de Outubro, o percentual de gênero está representado por 56% de público feminino e 44% de masculino. Apesar disso, a discriminação feminina continua ocorrendo, pelo meio

rural ser um ambiente onde ainda se prolifera o patriarcalismo, mesmo invisível.

A vida escolar dos moradores pesquisados se evidencia na grande maioria tendo frequentado uma escola, sendo que 45% cursou somente o Ensino Fundamental, 33% cursam ou cursaram o Ensino Médio e 22% responderam que nunca foram à escola. Os entrevistados, além de terem frequentado, em sua maioria apenas o Ensino Fundamental, também, em sua maioria, 83%, estavam estudando em escolas públicas, sendo que o restante, 17%, frequentaram escolas da rede particular de ensino. Depois de conhecer o nível educacional dos produtores, os dados seguintes apontam para dados da escolha do Assentamento para constituir moradia.

Dos 100% dos entrevistados, 67% escolheram o assentamento para morar, assim como, uma camponesa afirma, “Escolhi por que para mim a terra era um sonho”. Outros 22% dizem que decidiram morar no assentamento por estarem engajados no movimento dos sem terras e 11% por não ter emprego na cidade, encontraram no Assentamento a possibilidade de gerarem renda e sobreviverem economicamente.

Os moradores contam que as dificuldades encontradas no início do Assentamento eram a educação dos filhos, emprego e condições de moradia. Hoje em dia essas dificuldades foram amenizadas, porém, as dificuldades em relação ao trabalho ainda persistem, pois o assentamento tem dificuldade na produção, permanência dos pais de família na ajuda com a produção. Estes saem do assentamento para trabalhar e gerar renda adicional à produção rural familiar. A dificuldade na produção familiar relatada por 45% dos entrevistados está na falta de incentivo com crédito ao produtor e políticas públicas de incentivo à produção. 22% dos moradores apontam a questão do solo infértil e arenoso que não conseguem plantar nenhum tipo de produto, porque o solo não produz sem ajuda de componentes químicos e, como o projeto trabalha com a conscientização da agroecologia não pode utilizar os agrotóxicos, mas produtos caseiros para que possa colher o que a família consome. Outros 22% afirmam

que a falta de chuva e falta de condição de fazer uma irrigação mecânica para produção no ano todo e, 11% julgam as pragas como dificuldade. Como há vizinhos de terras, grandes produtores rurais e, estes jogam agrotóxicos em suas plantações, os assentados são prejudicados, pois as plantas deles são atacadas pelas pragas que saem dessas plantações.

Os moradores possuem experiência no trabalho agrícola já demonstrado anteriormente, com perguntas pertinentes ao tema. Assim como, nos outros assentamentos da reforma agrária, os moradores são indivíduos que passaram a vida toda trabalhando na agricultura e, por consequência, permanecem nesse ramo. Visualizou-se também que 67% dos entrevistados trabalharam a maior parte de suas vidas na agricultura e atividades que fazem parte do campo. Outros 22% dos entrevistados trabalharam a maior parte de suas vidas em atividades informais não ligadas à agricultura e 11% tiveram sua ocupação na construção civil. Somados os 33%, demonstram que as atividades agrícolas estão sendo substituídas por outras atividades que possam gerar renda para a família. Estes dados vêm de encontro aos dados acima, que afirmam que os pais de família, devido às dificuldades de produção, procuram outras atividades para aumentar a renda.

A negociação da força de trabalho se torna necessária para alguns pais de família para o sustento dos membros, pois pela situação em que se encontram em relação à terra improdutiva, falta de crédito para o cultivo da terra, problemas climáticos entre outros, não recebem o suficiente para sobreviver. Esse pensamento vem a calhar com o de Smith (1996) quando afirma que a renda da terra⁴ tem uma dependência com as forças produtivas, se elas se aperfeiçoam (através de investimentos), a renda tirada da terra aumenta, se elas estagnam (pela falta de investimentos), há uma diminuição da renda tirada da terra. No caso dos assentados, existem duas das três tipologias visíveis

⁴ Renda da terra, para Smith não era a renda pela produção do agricultor, mas o valor intrínseco que ela fornecia ao proprietário.

de sujeitos, aquelas que sobrevivem da renda conseguida pela produção na terra e aquelas que sobrevivem do salário.

Quanto às moradias, o caso é peculiar, pois eles consideram que possuem moradia própria, mesmo que ainda não possuam a concessão de uso da terra, pois o INCRA não fornece escritura de posse, mas a concessão. Entretanto, 89% afirmam que possuem residência própria e 11% ainda não possuem residência própria, morando de aluguel ou outras formas de morada, no próprio assentamento. A renda média das famílias assentadas antes do projeto CANTASOL chegava, em média, até R\$ 300,00 reais, representando 57% dos entrevistados. Um segundo grupo, 14%, chegou a uma renda média de R\$ 301,00 a R\$ 600,00 mensais. Outros 29% chegavam a ter uma média de renda de R\$ 601,00 a R\$ 1000,00. Os trabalhos realizados eram diários para outros proprietários, coletas de castanhas e empreitadas, alguns chegavam a ganhar R\$100,00 reais por mês para sustentar a família.

Atualmente, a renda no assentamento para alguns assentados ainda não é fixa ou regular, pois trabalham com diárias ou empreitadas. A outra parte da amostra são moradores que também trabalham no serviço público.

A maioria, 78% dos entrevistados possuem renda regular, isto é, trabalham por diária ou são mensalistas, não se dedicando ao trabalho agrícola plenamente. Os demais, 22% não possuem renda regular. Segundo dados do INCRA⁵, 81 milhões de reais foram investidos na criação de novas fontes de renda em assentamentos. O objetivo deste investimento é fomentar a agregação de valor à produção e apoiar a agroindustrialização e a comercialização de produtos da reforma agrária, com foco nas práticas agroecológicas. Entretanto, o valor investido pelo Governo Federal, através do INCRA, não foi capaz de fazer com que os assentados se fixassem na terra e dela tirassem renda

⁵ Balanço INCRA 2003/2010, disponível em www.incra.gov.br/index.php/servicos/publicacoes.

suficiente par viver com suas famílias, pelo menos isso não se observou no Assentamento 12 de Outubro.

Apesar dos trabalhos que geram renda regular, ocorreu no assentamento estudado, a organização de trabalhos coletivos através do projeto CANTASOL quando a renda dos moradores aumentou significativamente, além de surgir o Coletivo de Mulheres Amazônia Livre e o Coletivo de Jovens Camponeses do assentamento.

A renda média de até R\$ 300,00 ainda é auferida por 11% dos moradores entrevistados; 22% recebem renda de R\$ 301,00 a R\$ 600,00; 45% renda de R\$ 601,00 a R\$ 1.000,00 (correspondente a aproximadamente um salário mínimo (SM) atual) e 11% auferem renda de 1 a 2 SM e mais 11% tem renda de 2 a 4 salários mínimos atuais. Para o INCRA, nos termos de composição da renda foi constatado diferenças por região, por exemplo: 27% das famílias em Santa Catarina auferem uma renda familiar mensal de mais de 5 SM e 29% delas, no Ceará, menos que 0,5 SM; contudo, a maioria do contingente de assentados no país recebem uma renda familiar mensal de até 2 SM. Observando estes valores, percebe-se que os assentados do 12 de Outubro ainda permanecem abaixo da média da renda nacional, o que demonstra que ainda há espaço para crescer neste aspecto.

A renda familiar dos assentados aumentou e a explicação para essa mudança, segundo os entrevistados, foi porque "*os moradores começaram a frequentar algum coletivo de produção e comercialização*", que representa 34% dos entrevistados, o que também explica os 22% na mudança de trabalho/emprego, o que significou para eles, o trabalho com o projeto CANTASOL. Outros 22% começaram a trabalhar no setor público e 22% não souberam responder o que acarretou a mudança.

Dos entrevistados, 67% responderam que se envolvem comunitariamente e participam ativamente da cooperativa; 22% participam ativamente da associação dos moradores e 11% disseram que não participam de nenhuma das organizações. A criação das associações é um meio que os assentados encontraram para

enfrentarem a problemática da comercialização de seus produtos, sendo esse órgão remediador da venda dos produtos dos assentados, tendo maior autonomia diante dos compradores (IZIDORO, BARONE e SILVA, 2008). As associações e cooperativas ajudam o coletivo na organização das atividades de produção e, ao mesmo tempo, na organização familiar nas questões de trabalho, financeira, social, educacional, pois para 89% dos entrevistados, ocorreram mudanças educacionais na vida das crianças do assentamento, entre outros.

Mesmo que o trabalho do projeto CANTASOL realizado no assentamento seja de comercialização coletiva, ou seja, na linha da Economia Solidária, ainda existe produção individual e comercialização também em 44% dos entrevistados, o sistema misto de produção é utilizado por 45% dos assentados; e coletivo mostra-se em 11% da produção do assentamento, mas ainda eles consideram que a produção coletiva é a que mais dá certo, pois todos trabalham e conseguem vender sua produção. Todos concordaram que o entendimento de uma produção coletiva ocorreu depois da entrada do projeto CANTASOL, pois ele traz os princípios de cooperativismo, coletividade aos moradores além do talvez mais importante, mais renda.

A grande dificuldade encontrada por eles na comercialização é a quantidade de produtos entregues, pois a produção é maior que a demanda, isso traz prejuízos, pois perdem mais da metade do que produziram. Esse problema está sendo estudado pela Universidade que apoia os assentados, além de divulgar, via meios eletrônicos, as datas e horários em que os consumidores podem fazer seus pedidos. A preocupação também é com o transporte, pois a distância do assentamento até a cidade é de 60Km. O acesso é precário. Mas nem tudo é negativo. Um dos apontamentos positivos sobre a comercialização coletiva e do fato do transporte se tornar mais barato, maioria dos moradores não possuem transporte próprio.

Na pesquisa podemos perceber que a maior preocupação dos produtores é a relação oferta e demanda dos produtos agroecológicos

produzidos, com 43% dos entrevistados. 29% entendem que a entrega dos produtos é um entrave na comercialização, pois além de estarem situados longe do mercado consumidor, há o problema de estradas, pois no período de chuvas o tráfego é difícil pelo barro e, no período de seca, se torna difícil pela poeira. O transporte se torna custoso, o que faz com que os preços não sejam competitivos como respondeu 28% da amostra.

Pelas respostas, pode-se também afirmar, que o projeto CANTASOL mudou a vida econômica das famílias, trazendo a produção e comercialização coletiva, auxiliando para que a comunidade ficasse mais unida. Assim, 78% dos respondentes acreditam que o projeto foi responsável pelo aumento da renda familiar; 11% demonstrou que o CANTASOL teve influência na união da comunidade e 11% afirmou que o projeto trouxe motivação aos participantes.

Um dos maiores problemas encontrados nos assentamentos em geral, é a infraestrutura (cultivo, logística, armazenagem, etc.), muitas vezes ela é inexistente ou muito precária. Assentar uma população em terras inférteis, sem implementos, sem transporte para escoamento da produção, com estradas intransitáveis, longe dos centros consumidores, é, no mínimo estranho, pois os discursos sobre a ajuda aos necessitados são fervorosos, mas na prática, são frios e calculistas. É necessário um mínimo de infraestrutura, para que os assentados produzam, vendam sua produção e, por conseguinte, tenham uma melhor qualidade de vida. Existem vários fatores econômicos, sociais e ambientais associados às problemáticas dos assentamentos rurais envolvidos na produtividade do lote, na geração de renda, na capacitação técnica, no associativismo, entre outros.

Neste sentido, apresentar aos assentados projetos como o CANTASOL, que gere oportunidades de melhorar a gestão de suas propriedades e incentivar a geração de renda sustentável é de fundamental importância. A fala de um entrevistado resume essa importância: *“Eu acho que ele é importante, né! Por que ajuda muita gente, né! Ajuda no financeiro”*.

Assim, o projeto CANTASOL que nasceu dentro do Projeto Canteiros de Sabores e Saberes da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT trabalha com o Assentamento 12 de Outubro, em Cláudia-MT. Preocupados com a qualidade de vida, com a geração de renda, com a união da comunidade em torno de seus objetivos que são igualmente a melhoria dos intermináveis dias de sofrimento, com a motivação em torno de novo tempo de prosperidade, as pessoas associadas ao projeto tentam encontrar equilíbrio entre os pontos negativos e os positivos da estrutura socioeconômica do local.

A utilização dos fatores de produção, nem sempre é possível, pois a terra nem sempre gera renda; a força de trabalho para gerar e gerir seu próprio negócio ou de forma coletiva, se torna difícil, tendo que ofertá-la aos proprietários do capital; além de não possuírem capital em forma de acesso ao crédito, torna a caminhada pesada. Mas a organização de forma coletiva, em associações, em cooperativas, usando os princípios da Economia Solidária ameniza e melhora a vida dos cooperados, como se pode observar nesta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estado de Mato Grosso tem como base econômica o agronegócio, caracterizado por plantações de monoculturas, jornada de trabalho prolongada, salários reduzidos. Os vilões do agronegócio para a sociedade são o agrotóxico, sementes modificadas e, principalmente a expropriação do camponês.

A reforma agrária é um programa que veio para auxiliar indivíduos a mudar sua realidade social, conseguir sua terra e permanência nela. Mas, quando conseguem a concessão de uso, não conseguem permanecer na propriedade por dificuldades de plantio e financeiros, principalmente ou por não se adaptar ao local. Mas, o fator que mais influencia, apontado na pesquisa realizada, é a falta de incentivo do governo através de políticas públicas.

A agricultura camponesa, a reforma agrária e a economia solidária têm formas diferentes de ver a produção e a comercialização comparando com o modo de produção capitalista. Eles prezam por produtos agroecológicos, onde não há contaminação por agrotóxicos, preços justos que todo cidadão consiga pagar e também, ter consciência e respeito de levar produtos à mesa do consumidor que tenham qualidade.

O CANTASOL surge não como incentivo governamental, mas da Universidade do Estado de Mato Grosso para a comunidade, fazendo com que seja uma forma de coletivização dos espaços e, interação entre os atores da universidade – campo, divulgando diversos saberes, de ambos os lados. Traz os princípios da agroecologia, da economia solidária porque prioriza também a vida socioeconômica do produtor e, mantém diálogo direto com os consumidores. Os colaboradores realizam trabalho voluntário, todos com o mesmo objetivo: transformar a vida socioeconômica dos assentados.

Apesar das características de união, motivação e agregação de renda, ainda há problemas que assolam praticamente todos os assentamentos que são: a falta de infraestrutura, estradas precárias, logística deficiente, terras com problemas de produtividade, entre outros. Porém, o projeto CANTASOL está sempre atento a estes problemas e tenta ajudar, sendo politicamente e/ou educacionalmente.

As organizações coletivas são discutidas dentro da economia solidária nos temas de associativismo e cooperativismo, pois é a forma encontrada de produção e comercialização mais justa. Estas alternativas surgem em regiões de grande concentração de desigualdade. Sendo assim, estas formas diferenciadas do atual modo de produção capitalista, onde o dono do capital procura lucrar, utilizando-se da força de trabalho e dos bens que são de sua propriedade, tendem a crescer nos espaços onde encontram pessoas dispostas a aceitar tais mudanças, pois não possuem nada a não ser sua força de trabalho.

REFERÊNCIAS

- Andreola, B. A. (2011). Por uma Pedagogia das Grandes Urgências Planetárias. *Revista Educação* 36 (2).
- Arquivo Edgard Leuenroth (1984). *Industrialização: fontes para pesquisa em industrialização no Brasil (1889-1945)*. Coordenado por Déa Ribeiro Fenelon. Campinas: IFCH (Projeto FINEP/HISTÓRIA).
- Borin, A. L. S. (2011). *A “nova” senzala é logo ali: ao lado da “Capital do agronegócio”; lá nos fundos dos canaviais sertanezinos*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.
- Camacho, R. S. (2015). O Agronegócio Latifundiário versus a Agricultura Cmponesa: a luta política e pedagógica do campesinato. [http://www.geografia.ufflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%20XIXENGA/artigos/Camacho_RS](http://www.geografia.ufflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%20XI%20XENGA/artigos/Camacho_RS).
- Carvalho, J. (Coord.) (1999). *São Rafael: memória de uma cidade submersa*. Natal: EDUFRN.
- Costa, L.S. (2009). O Cooperativismo: uma breve reflexão teórica. <http://www.unioeste.br/campi/cascavel/ccsa/VIseminario/Artigos%20apresentados%20>.
- Francio, N. (2011). *Solidariedade, Trabalho e Renda: um estudo no assentamento Wesley Manoel dos Santos* <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4262> > Acessado em 15 de novembro de 2015.
- Granovetter, M. (1985), Economic Action and Social Structure: The Problem of Embeddedness, *The American Journal of Sociology*, 91(3), 481-510.
- IICA Brasil. http://www.iicabr.iica.org.br/produtos_tecnicos/osassentamentos-rurais-no-estado-de-mato-grosso
- INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (2015) <http://www.incra.gov.br/assentamento>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2000). <http://www.ibge.gov.br/censo>

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) > <http://www.ipea.gov.br/participacao/conselhos/142-conselho-nacional-de-economia-solidaria/278conselho-nacional-de-economia-solidaria>.

Instituto Souza Cruz (s/f).

http://www.institutosouzacruz.org.br/groupms/sites/INS_8BFK5Y.nsf/vwPagesWebLive/DO8KMJ7B?opendocument.

Izidoro, L.T.; Silva, M.E.S. e Barone, L.A. (2008). A participação de mulheres assentadas no paa: o caso de presidente Venceslau/SP

http://www.uniara.com.br/legado/nupedor/nupedor_2014/Trabalhos.pdf.

Kochhann, M.E.R. e Breda, A.M.R.D. (2015). Observatório da Educação: descrevendo as produções de conhecimento na relação universidade-escola. *Eventos Pedagógicos* 6 (1).

Kuster, A. et al. (2004). *Agricultura Familiar, Agroecologia e Mercado no Norte e Nordeste do Brasil*. Fortaleza.

Lechat, N.M.P.(2001). As Raízes Históricas da Economia Solidária e seu Aparecimento no Brasil. http://base.socioeco.org/docs/raizes_histor.pdf.

MDA (2015). <http://www.incra.gov.br/reformaagrariahistoria>

Singer, P. (2003). *Economia Solidária*.

<http://www.uff.br/incubadoraecosol/docs/ecosolv1.pdf>

Smith, A. (1996). *A Riqueza das Nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural.

Stedile, J.P. (2005). *A Questão Agrária no Brasil: o debate tradicional 1500 – 1960*. São Paulo: Expressão Popular.

Thiollent, M. (2008). *Metodologia da Pesquisa-Ação*. São Paulo: Cortez.